

INTRODUÇÃO

Os últimos vinte anos têm testemunhado um renovado interesse nas Escrituras. Desde que a teologia neo-ortodoxa convocou a igreja de volta a um estudo sério da Bíblia, esta tem demonstrado preocupação e interesse em compreender e aplicar sua mensagem à nossa geração. Ao par deste renovado interesse, entretanto, tem havido confusão; temos visto pouco entendimento entre os especialistas cristãos quanto aos princípios rudimentares da interpretação bíblica. A confusão instalada na esfera especializada teve um impacto sobre toda a igreja.

Nosso tempo parece caracterizar-se por uma “renovação laica”. Grande parte dessa renovação está associada a estudos bíblicos em família ou em pequenos grupos. Muitas pessoas hoje reúnem-se para estudar, debater e comentar as Escrituras por si mesmas. Com frequência os membros do grupo descobrem-se discordando uns dos outros sobre qual seria o significado da mensagem bíblica e como deveria ele ser aplicado. Isso tem levado a consequências funestas.

Para muitos, a Bíblia permanece como um enigma passível de grande número de interpretações diferentes. Alguns têm se desesperado por causa de sua incapacidade de compreendê-la. Para outros, a Bíblia tem um nariz de cera que permite ser moldada de

acordo com os interesses particulares do leitor. Muito frequentemente a conclusão parece ser: “Pode-se citar a Bíblia para provar qualquer coisa”.

Haverá saída para essa confusão? Leitores sérios podem descobrir princípios que os guiem em meio aos pontos de vista conflitantes vindos de todos os lados? Responder a algumas dessas perguntas é o objetivo com o qual este livro foi planejado.

Embora muitas das questões tenham uma dimensão erudita, não fui movido pelo desejo de entrar num debate acadêmico sobre a ciência da hermenêutica. Ao contrário, minha motivação primária foi oferecer orientação básica, de bom senso, para auxiliar leitores sérios a estudar as Sagradas Escrituras com proveito. Em concordância com a visão que a Bíblia tem de si mesma, este livro procura enfatizar a origem e a autoridade divinas das Escrituras. Em razão disso tentei fornecer regras de interpretação que servirão como teste e ponto de equilíbrio contra nossa tendência demasiado comum de interpretar a Bíblia conforme nossos preconceitos. O livro termina com um levantamento das ferramentas disponíveis para auxiliar tanto aos novatos como aos mais experimentados estudiosos da Bíblia.

Sobretudo gostaria que este fosse um livro prático proporcionando assistência aos leigos. Na realidade, tenho uma profunda esperança de que os cristãos continuarão a estudar as Escrituras, contribuindo, como têm feito, para a vida da igreja. Possa este livro constituir-se num encorajamento a perseverar com alegria e entendimento.

Tenho uma dívida de gratidão para com muitas pessoas que me auxiliaram neste projeto. Meu especial agradecimento a Mary Semach por digitar o manuscrito. Desejo também reconhecer o auxílio de Stuart Boehming, que ajudou fazendo as necessárias revisões, e ao Prof. David Wells, cujas recomendações foram valiosas na correção do manuscrito.

R. C. Sproul

The Ligonier Valley

— 1 —

Por que estudar a Bíblia?

Por que estudar a Bíblia? Pode parecer uma pergunta fora de propósito e tola, considerando-se que você, provavelmente, não estaria lendo este livro a não ser que já estivesse persuadido de que o estudo da Bíblia é necessário. Nossas melhores intenções, no entanto, são constantemente enfraquecidas por nossos caprichos e disposição de ânimo. E o estudo da Bíblia fica esquecido pelo caminho. Por isso, antes de examinarmos as orientações práticas para o estudo da Bíblia, será bom revermos algumas das razões que nos compelem a esse estudo.

Dois mitos

Primeiro consideraremos algumas das razões invocadas para *não* se estudar a Bíblia. Essas “razões” frequentemente revelam mitos

passados como truísmos¹ por força de constante repetição. O mito classificado em primeiro lugar na galeria de nossas desculpas é a afirmação de que a Bíblia é muito difícil para o entendimento de pessoas comuns.

Mito n.º 1 – A Bíblia é de tão difícil compreensão que apenas teólogos altamente especializados e com treinamento técnico podem ocupar-se de seu estudo

Este mito tem sido repetido constantemente por pessoas sérias. Dizem elas: “Sei que não posso estudar a Bíblia, pois todas as vezes que tento lê-la não a consigo compreender”.

Quando alguém diz isso provavelmente deseja ouvir: “Muito bem! Eu o compreendo. Realmente é um livro difícil e, a não ser que se tenha uma formação teológica, num seminário, por exemplo, talvez o melhor seja não tentar explorá-la”. Ou quem sabe a pessoa preferisse ouvir: “Reconheço que a Bíblia é uma leitura muito pesada, muito profunda. Parabéns por seu esforço incansável, seu trabalho ardoroso na tentativa de solucionar a charada sobrenatural da Palavra de Deus. É triste que Deus haja escolhido uma linguagem tão obscura e esotérica para comunicar-se conosco, algo que apenas os especialistas podem discernir”. Temo que essas sejam as respostas que muitos de nós desejam ouvir. Sentimo-nos culpados e ansiamos por aquietar nossas consciências, por negligenciar nosso dever como cristãos.

Quando verbalizamos este mito nós o fazemos com espantosa desenvoltura. É algo tão constantemente repetido que não esperamos vê-lo contestado. Na verdade, sabemos que, como adultos maduros, vivendo num país civilizado, tendo chegado a um grau razoável de educação, somos capazes de compreender a mensagem da Bíblia. Se somos capazes de ler o jornal, temos capacidade também para ler a Bíblia. Na verdade, eu ousaria afirmar que há mais palavras e conceitos difíceis expressos nas manchetes dos jornais do que na maioria das páginas da Bíblia.

¹ Truísmo: verdade incontestável ou evidente por si mesma. Coisa tão óbvia que não precisa ser mencionada; banalidade, obviedade. N. do E.

Mito n.º 2 – A Bíblia é enfadonha

Se pressionamos as pessoas pedindo que esclareçam o que querem dizer com o primeiro mito, em geral elas respondem dizendo: “Bem, acho que sou capaz de compreender, mas, francamente, a Bíblia me chateia demais”. Tal afirmação reflete não tanto uma incapacidade de entender o que está escrito, mas um gosto e uma preferência por aquilo que se considera interessante ou empolgante.

A preponderância do sentimento de cansaço ou enfado experimentado pelas pessoas em relação à Bíblia ficou clara para mim há alguns anos quando fui contratado para lecionar Bíblia em cursos obrigatórios da matéria numa faculdade cristã. O reitor da instituição telefonou-me dizendo: “Precisamos de alguém jovem e empolgante, com métodos dinâmicos, que seja capaz de *tornar a Bíblia fascinante e cheia de vida*”. Tive de me esforçar para engolir minhas palavras. Senti vontade de dizer: “O senhor quer que eu torne a Bíblia vibrante e cheia de vida? Mas eu não sabia que ela havia morrido. Aliás, nem fiquei sabendo que ela estava doente. Qual foi o médico que a assistiu no último suspiro?”. Não, não posso tornar a Bíblia viva para ninguém. Ela já é viva. Ela me transmite vida.

Quando ouço dizer que a Bíblia é cansativa, fico imaginando por que dizem isso. Os personagens bíblicos são cheios de vida. Há uma atmosfera singular de paixão ao seu redor. A vida deles revela drama, sofrimento, sensualidade, crime, devoção e todos os aspectos concebíveis da existência humana. Existe reprimenda, remorso, contrição, consolação, graça, sabedoria prática, reflexão filosófica e, sobretudo, verdade. Talvez o desinteresse experimentado por alguns seja consequência da antiguidade do conteúdo que pode parecer estranho e alheio a nós. De que modo a vida de Abraão – acontecida há tantos anos e num lugar tão distante – pode ter qualquer relação conosco? Mas os personagens da história bíblica são reais. Embora o ambiente deles seja diferente do nosso, suas lutas e preocupações se mostram praticamente as mesmas.